

CIENCIA E FILOSOFIA

Pelo prof. DELFIM SANTOS

Há poucos dias, um conhecido de ocasião propiciado pela vizinhança de Paris, após ter reparado no título e autor do livro que liamos, dirigiu-se-nos com surpresa perguntando se também nos interessávamos por questões de filosofia. Iniciado o diálogo tendente à mútua revelação dos circunstantes, o nosso interlocutor declarou-nos que Hegel era, de facto, um extraordinário pensador, mas que, talvez por o conhecer perfunctoriamente, lhe parecia que estava antiquado.

Esta opinião de um curioso interessado por assuntos filosóficos é sintomaticamente esclarecedora de uma atitude vulgarizada, mas completamente errônea, e produto da transposição para a filosofia de formas de crítica que a ela não podem adaptar-se. É certo que um tratado de física assinado por um renomado especialista e datado de 1946 é menos antiquado do que um outro datado de 1936. E o mais recente é, dos domínios da ciência, o mais aconselhável, porque a ciência torna inexoravelmente antiquado tudo quanto é anterior.

Se isto é verdadeiro para a ciência, já o não é, porém, para a filosofia de um autêntico filósofo, ainda que o resultado da sua meditação tivesse surgido em livro publicado em 1807, data do aparecimento da fenomenologia do Espírito. É que em filosofia a actualização de pensamento não tem sentido cronológico, como vulgarmente se julga, e o meu interlocutor imaginava. O pensamento de um autêntico filósofo, como a obra de um autêntico artista, nunca envelhece e não se torna nunca antiquado.

O que irremediavelmente envelhece nas obras de filosofia é a ciência que o filósofo teve no seu tempo ao seu serviço. Se esta se entretence intimamente na sua especulação, e se não é possível fazer a necessária distinção, então, na verdade, o filósofo torna-se antiquado, como antiquada se torna a ciência do seu tempo. Mas nem sempre é este o caso. Desvalorizar Schelling, porque o que nos diz da electricidade e magnetismo pode parecer hoje infantil, é desvalorizar a ciência do seu tempo e não a filosofia de Schelling.

O mesmo se pode dizer de Kant, que certamente não tem culpa nenhuma de Einstein ter sido tardio no aparecimento neste mundo. O pensamento filosófico de Aristóteles é actual e sempre novo, o que envelhece — e leva muitas vezes os menos advertidos a criticar a sua filosofia — é a sua ciência. O que é verdadeiro para Aristóteles, Kant, Hegel e Schelling é também para qualquer outro filósofo que com verdade e profundidade de pensamento de cada filósofo há algo de vivo e algo de morto, e o morto é quase sempre o científico e não o filosófico.

Que não sirva isto, porém, para se julgar que o desconhecimento da ciência é condição só por si da perenidade da filosofia. A ciência é o amor infeliz da filosofia. É certo que o último amor parece sempre o mais pleno e o mais fecundo e, por isso mesmo, aquele que tem à sua disposição uma ciência mais recente no seu desenvolvimento julga que, só por isso, será maior filósofo do que Kant, que passa a ser então um antiquado dos fins do século XVIII. Que não é bem assim, sabem-no todos os que meditaram sobre o assunto...

Mas então que valor têm certas tendências que pretendem tornar totalmente científica a filosofia? — foi esta a pergunta que terminou o diálogo. — E a resposta

sumular apenas podia ser esta: tem o valor dos grandes disparates que fazem época enquanto as suas últimas consciências se não tornam manifestas. Ciência e Filosofia são actividades de pensamento radicalmente diferenciadas. Verdade em ciência e verdade em filosofia não significam o mesmo. Uma ciência totalmente filosófica ou uma filosofia totalmente científica equivalem-se no mesmo nível de não-valor: incongruências híbridas na sua tentativa de purificação sem vida possível.

Enfim, do que ficou apontado poder-se-ia concluir que o crítico não é o propriamente filosófico, mas o que pertence à ciência de que o filósofo se serviu forçadamente. Ao contrário, pois, das tendências que pretendem transpor a filosofia em ciência, convém determinar antes de mais a especificidade radical destes dois diferentes modos de conhecimento, para evitar que a contaminação aiastra para além do estreitamento necessário. A acusação frequente de que a filosofia é uma série de opiniões sem estrutura firme e segura pode contrapor-se o seguinte: que é a ciência a mais transitória e insegura das actividades de conhecimento, porque a todo o momento invalida no reino do antiquado o que antecederamente era válido. E assim deve ser. O equilíbrio entre a ciência e a filosofia é sempre precário e instável, mas é nesse equilíbrio que reside o momento de encontro que a uma permite avançar e a outra recuar para que as condições de novo avanço sejam preparadas.

Em França, o balanço destes dois meses permite ver muitas coisas, graves algumas, futeis outras. O Parlamento é uma fonte... Fazia demasiado calor nas salas e corredores da Assembleia Nacional para que fosse possível que os deputados se mantivessem mais tempo sem correrem para férias. Partiram a 5 de Setembro quando lhes fora prometido que iriam repouzar a 13 de Agosto. Mas antes de se irem embora, o presidente Ramadier disse-lhes: «A guisa de despedida, e sem sorrir: O Parlamento é uma fonte de autoridade e de soberania». A frase correu corredores, entrou nas redacções dos jornais e anda em todas as bocas. E adapta-se com facilidade. Setembro trás consigo as grandes manobras táticas. Tácticas municipais estão à porta e cada agrupamento define a sua orientação, o seu programa, o seu plano de ataque.

Para os comunistas, as próximas eleições devem marcar o desfecho das massas populares de exprimir vigorosamente a sua cólera contra uma política desastrosa para o país. Que política? A que permitiu o afastamento do Partido Comunista do Poder e tornou possível que a França alinhasse com os países que pretendem os benefícios do Plano Marshall, plano que não serve senão para pôr a Europa sob a tutela de Washington e que na psicologia conhecida quer dizer a mercê das exigências familiares riquíssimas que dizem a economia americana...

Para o Regrupamento do Povo Francês, as eleições municipais devem marcar a entrada do R. P. F.

CRONICA DE PARIS

(Continuação da 1.ª pág.)

na vida política activa da França. Destaco esta frase reveladora de André Malraux, delegado geral da Propaganda do R. P. F.: «Só há democracia possível nos países onde não existe o Partido Comunista. Agora que a França é dirigida pelos partidos operários, a condição dos trabalhadores nunca desceu tão baixo nos últimos cem anos».

Para o Movimento Republicano Popular, o crescimento incessante do R. P. F. é a preocupação maior. Temendo os degulistas e temendo ainda mais os comunistas, os republicanos populares marcam a sua intenção de se apoiarem sobre os socialistas para formarem um bloco centrista que lhes permita realizar aquela política liberal-dirigida, sem carne, nem peixe, que tem sido a do Governo.

Os socialistas permanecem divididos entre as duas tendências principais que se desenvolvem no seu seio: os dirigistas à outrance e os conciliadores à Ramadier. Quanto aos homens do Regrupamento das Esquerdas Republicanas e do Partido Republicano da Liberdade, em breve se conhecerá a sua posição: certas ligações e apoios ao R. P. F. vindos destes sectores não serão para estranhar.

mais espectacular, foi certamente a levada a cabo pelo partido comunista que realizou no Bosque de Vincennes um grande epico-não partidário e laico, com farfalga de discursos, charreteras acceíveis e arroubos oratórios desproporcionados à força do vinho: dez graus para o tinto corrente e livre. Segundo a «Humanité» que bebe em boa fonte e tem vista larga, estavam pagando o melhor de um milhão de trabalhadores laicos e sociais. Quanto à «Aurore», de vistas infinitamente mais curtas e reaccionárias, não passava de virido no discurso de doutrinarismos em mangas de camisa e de garfo em riste. Mas se os outros partidos se limitam a sessões de propaganda cujo unico alvoroço — atenção ao raciocínio! — é o pedetico, o Governo, segundo um exemplo que ficou brando e acceível a todos as mesas, deixará de ter as suas repercuções sob o ponto de vista puramente eleitoral. Ao tomar esta medida (medida grande) e ao ser obrigado a fixar a taxa de alcoólicos puramente restritiva, o Governo teve em atenção este simples cálculo: há mais gente que bebe vinho do que gente que bebe leite ou que tem automóvel.

Da outra vez, o pão foi posto em venda livre. Meses depois, voltaram as vendas. Que Baco nos proteja, já que Ceres se foi abaixo dos continentes...

«Mister France 1947»
Que plano de eleições, a ultima em data permitiu escolher não um Governo mas um homem. Um homem, um belo homem. Nada menos nada mais do que «Mister France 1947».

Os emistres destartaram-nos entre deitras e os apliques de um mil cavalleros e umas quinze damas. Destillaram em cuecas atléticas, com os musculinhos da face e em poses adequadas, tal bailarinos acrobatas no final de numero de circo.

Não assisti a este concurso mas tenho informações seguras que me permitem afirmar que os cavalleros aplaudiram mais entusiasticamente do que os damas nos belos corpos dos emistres. No fim, da soma dos aplausos resultou a escolha: o mais belo homem da França para 1947.

«Agarra que lá ladrão!»

Grandes ginastas, dois indivíduos que, há dias, entraram numa curulesaria da Rue de la Paix «chez Curtier, 211 rue piéteuse». Bem vestidos e melhor falantes, os dois homens que tanto podem indicar um americano em digressão pela Europa, como ciganos. «Ciganos», discutiram o preço de varias jóias e abalaram sem nada comprar. Mas não sem levar um bilhete de cinco francos e um cartão de três milhões de francos. Excitados, ginastas, andaram um bocedo da rua em bonas postas atléticas, saltaram para bicicletas e, perante a perseguição dos empregados da loja e tranqueiros alertados, desataram a correr, demonstrando boa forma e melhor escola. Um, porém, certamente devido a uma distensão muscular que não poupa sequer os grandes campeões, foi perdendo terreno o que o levou a gritar, tal com a turba que o seguia: «Agarra que lá ladrão!»

Agarraram-no. O outro, o que levava o bilhete, ainda corre a estas horas.

A competição desportiva da era atómica

Propósito, já devem saber que os rapazes e raparigas americanas que aniam a empurrar-se e rastrear-se por esta Europa fora, estão novamente em Paris. O «roller-coch» faz receita. Fechado o Parlamento, adormecidos os conflitos sociais ou puramente partidários, Agosto e Setembro encalçados e estivais necessitavam de um espectáculo que constituisse válvula de escape. O «roller-coch» eis o ideal. Basteira, impurrão, encurruço, ombro, cotovelo, muro; tudo sob a luz de projectores e com ruído de ázias, permite umas horas de efeito nervoso identico ao da trovoadas depois de uma tarde de calor.

Agosto e Setembro, os meses mais quentes do ano, na capital da Europa mala quente deste ano. Destati de contar em graus centígrados, recorro aos Fahrenheit — ontem, Setembro já avançada em Paris, contra 85 em Roma, 80 em Moscovo e 78 em Lisboa.

Calor, seca, estagilagem... Plano de restrições eléctricas, redução nos continentes de leite, aumento no preço dos legumes...

Agosto... Setembro... Quando não são piores, são assim!... Pois, então assim... HERNANI CIDADE

JOSÉ AUGUSTO

CERVANTES E CAMÕES

(Continuação da 1.ª pág.)

da realidade humaníssima e trágica, todos são sensíveis à arte suprema da narrativa que lhe dá vida, e graça dos episódios e situações que lhe incidentam — e até é comovida humanidade do Cavalleiro da Triste Figura, permanentemente refazendo o sonho que se esfarrapava nas durezas da realidade sarcástica.

Miguel Cervantes, nascido em 1547 e morto em 1616, é contemporâneo de Camões e sobreviveu-lhe o tempo suficiente para assistir ao dealbar e ao esplendor da glória do seu par, criador do poema que ele próprio chamava o Tesouro do Luso.

Não se foge facilmente à tentação de comparar os dois destinos, tão paralelos são os caminhos da sua escalada da glória — e tão significativos os aspectos por que mais notavelmente eles se diferenciam.

Descendendo ambos de famílias galegas, ambos se batam com soldados, ficando um cego de uma das mãos. Aos degedros do lusitano, corresponde o cativo do espanhol entre Mouros; e ambos ainda se parecem em que, dos seus serviços à Pátria, apenas colheram a glória da absoluta gratuidade deles: deram-lhe, em troca da mesquinhez de recompensas que os conservaram em estreitíssima modéstia — em Camões rasando pela miséria — riquezas mais preciosas do que as trazidas das Índias Orientais e Ocidentais pelos descobridores e conquistadores de novos mundos.

Mas ainda bem que foram tais destinos que colaboraram com os seus génios! Só sentindo a Vida em profundidade, ela se pode compreender e abranger em todas as dimensões, e não há como as

experiências provocadas pelo infortunio para abrir ao olhar febril os abismos e tesouros que ela oculta...

Mas são cheias de significação, que diríamos intencional, as diferenças que os separam. Pois não parece, por exemplo, ser o Destino determinado que o maior génio da Nação da Península que, durante séculos, pleiteou a hegemonia europeia, fosse nas ribeiras do Mediterraneo — o mar do mundo clássico — que realizasse a sua mais rica experiência humana? E não dá vontade de supor que o mesmo destino sábio e artista atirou a Luis de Camões para os ásperos — mas quão largos! — caminheiros do Ultramar? Por lá estava o seu povo a compor, entre fulgores de glória e sombras de castiços, ao lado da grande epopeia dos Descobrimentos, a sua História Trágico-Marítima...

De qualquer modo, o livro com que o génio de Cervantes universalizou a literatura espanhola, resultado de experiências em estreitos limites geográficos, os que melhor condicionam e estimulam a observação em profundidade. Pelo contrário, Os Lusíadas e boa parte da Lirica de Camões implicam um saber de experiências feitas, colhido através de continentes e oceanos. Foi assim em profundidade que Cervantes nos deu o Homem, no íntimo, eterno duelo entre o ideal e o real, entre o sonho e a vida. Camões viu-o na extensão do tempo e do espaço, no longo lutar pela independência territorial, no épico e trágico ansio de romper os limites que a Natureza pôs à sua realza no planeta.

ESCOLA DE CORTE COSTURA E CHAPEUS M.ª J.ª L.ª Rua de S. Lázaro, 127, 1.º e 3.º

Todavia, porque ambos os livros são realizados por génios que se formaram e ergueram nos rudes contactos com a vida, que lhes condicionou a experiência da vida, ambos desdenham das façanhas fantásticas, fingidas, mentirosas. Cervantes dá as contadas pelos romances de cavalaria, que incompatibilizam o pobre cavalleiro manchego com a vida realidade; Camões das que, para exaltação dos heróis, nos poemas épicos do tempo, eram inventadas pelas estranhas Musas, de engrandecer-se desejosas. E eis-lhes que ambos legam duas obras em que a ficção, romanesca ou mitológica, apenas se destina a pôr em evidência o aspecto da vida que cada um procura fixar para a eternidade. De Quixote e Sancho Pança são as duas fases da eterna realidade moral do Homem, a enomada de sonho e a que vive toalhada na estreita limitação da existência comum. Baco e Venus são os obstáculos eternos, humanos ou naturais, ao lado dos permanentes estímulos do amor, do poder, da glória, que levam a quebrantar os vedados téminos de todos os Adamastores, a virar cotos as apostrofes minazes de todos os Velhos do Restelo.

O século XVI — disse-o Taine — é o maior da História. Em nenhum outro, na verdade, o Homem tinha sondado tanto o fundo à sua própria alma; em nenhum outro assim estendera pelo Mundo o domínio heroico da sua vontade, a indagação incansável da sua inteligência.

E bem para meditar que o génio das duas Nações da Península haja legado à posteridade os dois monumentos mais notáveis dessa genial visão complexa, desse duplo ansio de domínio.

AGENCIA BARATA GARAGEM E OFICINAS R. Francisco Metrass, 67 a 71 (REGISTADA) DE GASTÃO MENDES BARATA COCHEIRAS TELEFONE 6 1113 Sede: Rua Saraiva de Carvalho, 194 a 202 R. Tenente Ferreira Durão, 55 EDIFICIOS PROPRIOS P. B. X. O MELHOR SERVIÇO — OS MELHORES AUTO-FUNEBRES